

Causa do Povo



Jornal da União Popular Anarquista - UNIPA

Edição Nº 69

www.uniaoanarquista.wordpress.com | unipa_net@yahoo.com.br

Novembro de 2013

VIVA O ANARQUISMO REVOLUCIONÁRIO

CONSTRUIR O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO BAKUNINISTA!
PREPARAR A INSURREIÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA!



O que é o anarquismo?

- pag. 4 e 5

- Nesta edição**
- A greve das redes públicas de educação do Rio de Janeiro (p. 2)
 - Greve Geral: estratégia contra o Estado e o capitalismo (p. 3)
 - Em defesa dos black blocs: ampliar as táticas de resistência (p. 6)
 - Resgate dos cães beagles: uma ação anticapitalista (p. 7)
 - Síria: guerra civil e intervenção imperialista (p. 8)



“A liberdade sem o socialismo é o privilégio e a injustiça; o socialismo sem a liberdade é a escravidão e a brutalidade” Mikhail Bakunin

A greve das redes públicas de educação do Rio de Janeiro - 2013

As greves da educação no estado do Rio de Janeiro em 2013, tanto na rede estadual quanto na municipal, representaram um acúmulo de luta e de reflexão para esses trabalhadores quanto a necessidade de organização e a relação da base dessa categoria e seu sindicato, o Sepe-RJ.

1. A precarização das condições de trabalho nas escolas públicas

Se utilizando de um discurso de melhorias na rede, através de bônus, auxílios etc., os governos camuflam a verdadeira intenção de sua política educacional que é privatizar, arrochar os salários e precarizar as escolas. Políticas neoliberais e desenvolvimentistas.

Os profissionais de educação não só sofrem com os baixos salários, mas enfrentam altas jornadas de trabalho, situações de periculosidade e insalubridade (violência escolar, urbana e falta de infraestrutura das escolas). Essa precarização das condições de vida dos docentes também afeta os alunos. Os estudantes em sua grande maioria têm uma educação precária que os prepara para ocupar uma condição de trabalhadores precarizados do comércio e dos serviços ou de subempregados. Na grande maioria dos casos, serão integrantes do proletariado marginal urbano.

Por fim, as escolas vêm sendo geridas de forma autoritária e existe um processo de intervenção no trabalho do professor que visa reduzi-lo apenas a um executor de tarefas de avaliação, de maneira que o espaço de liberdade e autorealização têm sido expropriados e mercantilizados. A dimensão pedagógica da greve explicita a contradição de que o capital tenta reduzir o trabalho e alienar o professor. Ele impõe que os alunos tenham conhecimentos cada vez mais esquemáticos.

Por isso, as reivindicações eram reajuste salarial de 20% para a rede estadual, plano de cargos e salários da rede municipal e a luta contra a precarização (redução do número de alunos por turma, trabalho em uma só escola, 30 horas de trabalho para os demais profissionais, fim das políticas de gratificação e fim do Saerj).

2. A luta contra a burocracia do sindicato

Os trabalhadores da educação não enfrentam somente a ação dos governos e de seus aparatos repressivos, enfrentam também o peleguismo no interior do Sepe-RJ, que se expressa dentre outras práticas pela desconstrução das greves nas redes municipal e estadual. Todo o trabalho feito pela direção para desconstruir qualquer possibilidade de ato unificado e real combate aos governos neoliberais do Rio de Janeiro. As propostas de unificação do movimento vinham sempre dos comandos de greve e da base nas assembleias.

Entre elas, a mais grave foi o caso da caravana a Brasília, para acompanhar a audiência no Supremo Tribunal de Justiça no dia 22 de outubro. Segundo deliberação da assembleia, a direção do Sepe-RJ deveria disponibilizar ônibus para que os trabalhadores da educação pudessem acompanhar a audiência de conciliação. Foi aprovada também a participação de representação de base indicada pelo Comando de Greve da categoria para acompanhar a audiência.

A bandeira aprovada para o ato em Brasília foi: "Em defesa da educação pública! Contra a criminalização dos movimentos Sociais! Pela libertação dos presos políticos!". Entretanto, a direção do Sepe-RJ impediu a participação dos familiares dos presos políticos ou qualquer outro movimento, assim como companheiros que não eram sindicalizados.

Já a decisão de levar a representação da base na audiência foi alterada na reunião da diretoria do sindicato.

A intenção foi destruir um ato nacional numa conjuntura de mobilizações feitas em vários estados do Brasil em solidariedade ao movimento grevista do RJ. Ao fazer isto, a direção do sindicato acaba colaborando com o governo. Daí a necessidade de se combater o governismo, o peleguismo e o colaboracionismo que assolam o sindicato. A luta contra a burocracia sindical vem sendo feita pelos setores de oposição, especialmente aqueles organizados pela Oposição de Resistência Classista (ORC).

No final de outubro, a maioria da categoria votou pela suspensão das duas greves. Muitos tomaram essa decisão em virtude do esgotamento depois das batalhas contra o autoritarismo de Paes e Cabral e contra a burocracia sindical. Todo esse processo deixou importantes lições. Uma delas é a necessidade urgente da reorganização e de ruptura pela base com a burocratização. O antídoto contra a burocratização é bem conhecido da classe trabalhadora: organização pela base, luta contra o corporativismo e estratégia da ação direta.

3. A jornada de lutas de junho e a greve de massas da educação

As greves das redes públicas de ensino do Rio de Janeiro possuíam todas as possibilidades para a construção de uma greve de massas: categoria numerosa, envolvimento do movimento estudantil, incorporação das famílias dos estudantes, apoio da população em geral e, considerando o contexto da luta de classes de 2013, a mudança da conjuntura política provocada pelas jornadas de lutas de junho.

Entretanto, existem obstáculos para o salto de qualidade das

greves da educação: 1) a precarização e o sucateamento das redes públicas; 2) a burocratização e o corporativismo da direção sindical; 3) os espaços temporários de organização, os "fóruns de lutas", criados a partir do levante popular de junho, ainda não se enraizaram nos locais de trabalho, estudo ou moradia. Esses obstáculos impediram a superação da condição de desorganização estrutural dos trabalhadores da educação.

A história da greve da educação pública do Rio de Janeiro pode ser utilizada como um grande exemplo, pois a atuação dos setores de oposição mostrou que é possível a construção de uma greve de massas. Num primeiro momento a direção do Sepe-RJ rechaçou a participação e apoio dos Black Blocs e dos setores combativos até o mês de setembro, além de se recusar em organizar a ação direta e o protagonismo massivo das bases. A sabotagem da ação direta ficou evidente com a ocupação da Secretaria Estadual de Educação, no dia 04 de setembro, quando o Comando de Greve conseguiu organizar a ação, mas teve que travar uma luta ideológica e organizativa contra a direção do sindicato.

Num segundo momento, a partir dos atos de outubro, essa situação se modificou: os conflitos da categoria com o Estado conseguiram levar o debate da autodefesa para as bases dos professores. Nesse sentido, a greve e as passeatas possibilitaram uma convergência entre as formas organizativas produzidas pelo levante popular de junho e as lutas sindicais. Entretanto, essa convergência aconteceu de maneira tardia, por isso, foi insuficiente para garantir a vitória do movimento grevista.

A categoria não conquistou as reivindicações desejadas, mas os atos de rua de outubro mostraram o potencial de uma greve de massas. ■

GREVE GERAL: estratégia de luta contra o Estado e o capitalismo

Em 1917 no Brasil, os trabalhadores paulistas organizados na Federação Operária de São Paulo (FOSP), no Comitê de Defesa Proletária e, nacionalmente, na Confederação Operária Brasileira, a COB, convocaram uma greve geral que entrou para a história do Brasil.

O movimento grevista começou com a reivindicação de aumento salarial dos operários das indústrias de tecido no mês de junho de 1917. No mês seguinte o Comitê de Defesa Proletária publicou uma pauta de reivindicações mais ampla, que incluía a luta contra a chamada carestia de vida, a adoção da jornada de trabalho de 8 horas por dia e a abolição do trabalho infantil. Unidos entorno dessa pauta de reivindicações, os trabalhadores de todas as indústrias, do comércio e dos transportes coletivos aderiram ao movimento. Durante três dias o Comitê de Defesa Proletária assumiu o controle da cidade de São Paulo. O governo abandonou a cidade e, no fim, é obrigado a negociar com os grevistas, atendendo suas reivindicações.

Depois da greve em São Paulo, trabalhadores de outras capitais também entraram em greve: Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Curitiba e Porto Alegre.

1. A atualidade da greve geral

Passados 96 anos da greve geral de 1917, em meio ao Levante Popular de junho de 2013, quando milhões de trabalhadores e estudantes tomaram as ruas de pratica-

mente todas as capitais do país e de diversas cidades, reivindicando a redução do preço da tarifa do transporte público, foi lançada pelas redes sociais, como um evento no facebook, um chamado para a realização de uma greve geral no dia 1º julho. Que de fato não aconteceu.

Diante da grande adesão ao evento "greve geral" no facebook, as centrais sindicais oficiais (CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CGTB, NCST, CSP-Conlutas) iniciaram uma campanha com o objetivo de deslegitimar a iniciativa, sob o argumento de que só elas, as centrais sindicais oficiais, teriam a legitimidade de convocar uma greve geral.

Depois, essas mesmas centrais passaram a convocar um dia nacional de mobilizações e paralisações, marcado para o dia 11 de julho. A baixíssima adesão ao dito dia nacional de paralisações mostrou que de fato não era objetivo das centrais sindicais mobilizar os trabalhadores, mas sim mostrar seu controle sob os mesmos e contribuir para o fim das mobilizações de rua. Ao mesmo tempo foi uma tentativa de negar a própria estratégia da greve geral, uma vez que não a convocaram, pois o dia 11 de julho foi um dia nacional de paralisações, não uma greve geral.

Realmente, uma greve geral não pode ser o resultado de um evento marcado das redes sociais, mas sim o resultado da luta e articulação organizativa complexa a partir dos locais de trabalho. Quando diversas categoriais em luta, organizadas a partir da



Passeata em São Paulo durante greve geral de 1917

base, percebem que suas lutas não são isoladas, que suas reivindicações são, na verdade, reivindicações do conjunto da classe trabalhadora.

O evento do facebook "greve geral" mostrou que essa não é uma estratégia de luta esquecida pelos trabalhadores. E o dia 11 de julho mostrou que as centrais sindicais oficiais abandonaram a luta real da classe trabalhadora, e estão mais preocupados em manter suas burocracias sindicais e em defender o Governo Dilma. Assim, ficamos entre o desejo da juventude de realizar a greve geral e toda a estrutura organizativa que impede que ela aconteça.

2. Construir a greve geral contra o Estado e o Capital.

"É barricada, greve geral! Ação direta que derruba o Capital!". Essa foi uma das várias palavras de ordem cantadas durante o levante de junho e as demais manifestações que se estenderam até outubro. Trata-se da certeza

de que é necessário a construção de uma greve geral contra o Capital, isto é, contra a exploração burguesa e contra a opressão do Estado.

O caminho da construção da greve geral é o trabalho de base nos locais de trabalho, moradia e estudo. É a construção de pautas de reivindicações que atendam ao conjunto da classe trabalhadora. É a realização de assembleias conjuntas de diversas categoriais. É a convocação de atos conjuntos. Por fim, é a paralisação geral de todas as atividades de trabalho. É o levante do povo trabalhador contra o Estado e o Capital.

Outra palavra de ordem lançada pelas ruas captura todas as contradições do momento histórico: "Não Vai Ter Copa!" O melhor meio é começar seriamente a construção de uma Greve Geral. Mas essa iniciativa só pode ocorrer a partir das bases e contra a burocracia sindical. Uma greve geral que mostre o poder e vontade de luta dos trabalhadores. ■

Por isso conclamamos: Greve Geral contra a Copa em 2014! Não vai ter Copa!

EM DEFESA DOS BLACK BLOCS: ampliar as táticas de resistência para toda classe

O cenário político atual apresenta uma série de elementos que nos servem de aprendizado, o povo mais uma vez saiu às ruas para construir seu próprio futuro. A velha burocracia partidária, eleitoreira, sindical, que por muito tempo amordaçou as lutas sociais, não conseguiu conter os milhares de trabalhadores e estudantes precarizados que foram as ruas protestar. Ao contrário do que muitos imaginavam, as jornadas de junho e julho reafirmaram uma grande verdade: que o povo brasileiro não é passivo, e que diante de muitos problemas sociais segue guerreiro combatendo as injustiças.

Dentro desse novo contexto e rearranjo social de grande efervescência política, algo que atraiu a atenção de vários setores da sociedade foi a tática de protestos urbanos conhecida como "Black Bloc". Essa tática surge em meados da década de 1980, no seio do movimento autonomista da Alemanha ocidental, que através da ação direta ocupavam terrenos onde seriam construídas usinas nucleares. O movimento antinuclear ao se opor profundamente as usinas nucleares foi duramente reprimido pelas forças policiais. A partir de então, diante a ofensiva das forças repressivas do Estado, os militantes se organizaram para defenderem-se e contra-atacar, e assim resistir em seus espaços de autonomia. Assim, surge a tática "Black Bloc", como aponta o sociólogo norte-americano



Black Blocs defendem pautas da classe trabalhadora e a integridade física dos manifestantes na linha de frente dos protestos

George Katsiaficas, em seu livro: "The Subversion of Politics - European Autonomous Social Movements and the Decolonization of Everyday Life".

No Brasil não foi diferente, a tática Black Bloc manteve sua principal característica: resistir à ofensiva do Estado capitalista, e defender as manifestações do terrorismo de Estado exercido cabalmente pela figura da polícia. Ao passo que cresciam as manifestações em junho, o número de encapuzados que lutavam ao lado do povo para defender as bandeiras de uma sociedade igualitária também aumentava. Hoje, com a diminuição da onda de protestos que sacudiu o país, alguns Estados, em especial

o Rio de Janeiro, segue com as chamadas incendiárias deixadas pela jornada de junho e julho.

No entanto, existe a necessidade de refletirmos sobre essa tática, justa e necessária que é o Black Bloc. Não é novidade nenhuma que a juventude por trás das máscaras, que ousam lutar, carregam consigo uma admirável disposição para enfrentar as mazelas que perpassam gerações. Todavia, a ação direta deve cada vez mais estar enraizada nas categorias de base da classe trabalhadora, para que ganhe em volume e qualidade. É necessário que todos militantes revolucionários, que visam a transformação radical da sociedade, nos organizemos por locais

de estudo, moradia e trabalho preparando nestes espaços as ações diretas de massas.

Precisamos ser capazes de organizar os setores que ainda estão desorganizados, derrubar as burocracias sindicais que ainda permanecem encasteladas e construir oposições que as derrotem, dar caráter de massa as greves, e assim, combiná-las com a ação direta e as frentes de defesa e resistência cujo Black Bloc tem um papel fundamental. Somente com organização avançaremos, de agora em diante é necessário intensificar a luta, com disciplina para que não sejamos engolidos pelo brutal aparelho repressivo contra o qual lutamos. ■

É BARRICADE, GREVE GERAL, AÇÃO DIRETA É O QUE DERRUBA O CAPITAL!